

RUA ATALIBA DE CAMARGO ANDRADE

Lêi nº 887 de 30-03-1953

Formada pela rua 2 da Vila Cambuí e Travessa 1 da Vila
Columbia

Início na rua Padre Almeida

Término na rua Comendador Torlogo Dauntre

Cambuí

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal Antonio
Mendonça de Barros.

ATALIBA DE CAMARGO ANDRADE

Ataliba de Camargo Andrade nasceu em Campinas, em 21-janeiro-1877, e faleceu na cidade de São Paulo, em 30-outubro-1937, estando sepultado aqui em Campinas. Era filho de Pedro Américo de Camargo Andrade e Ana Arruda de Camargo Andrade e foi casado com Francisca de Camargo Andrade. Passou sua infância na Fazenda São Pedro, de propriedade paterna e estudou na escola da Fazenda Palmeiras. Quando em Campinas, estudou particularmente com o professor Miguelzinho da Gama. Por três anos estudou em Jundiaí, de onde se transferiu para São Paulo, frequentando o Seminário Episcopal. Terminados os estudos secundários, regressou à Campinas (Fazenda São Pedro), onde auxiliava sua mãe, já que seu pai havia falecido. Dedicou-se à cultura do café, e após seu casamento foi residir na Fazenda São José, em Valinhos, para depois mudar-se para a Fazenda Bom Retiro, em Carlos Gomes. Nesta propriedade, permaneceu 19 anos, dedicando-se à criação de gado e à cultura de café em larga escala, chegando a possuir 405 mil pés. Na cidade, cumpria com seus deveres de cidadão, havendo pertencido ao corpo de jurados da Comarca de Campinas. Católico convicto e praticante, tomava parte nas cerimônias da Semana Santa e era comum hospedar em sua fazenda os seus amigos D. Néri, D. Otávio e D. Mamede. Durante a gripe espanhola de 1918, dentro e fora de sua fazenda, prestou relevantes serviços à população, quando sofreu a perda de sua esposa. Era sócio de quase todas as entidades de caridade, às quais concorria não só financeiramente, mas também com produtos agrícolas. Apolítico, ainda assim apoiou a candidatura de Rui Barbosa. Em 1926, ingressou na política aderindo ao Partido Democrático, havendo sido diretor e conselheiro do diretório local. Apoiou a reforma dos costumes políticos e se bateu pela instituição do voto secreto. Em 1929, quando da difícil situação do café no país, promoveu tenaz campanha, se todavia, lograr êxito.

RUA ATALIBA DE CAMARGO ANDRADE

**Lei n. 887, de 30 de Março de 1953**

Dá o nome de «Ataliba de Camargo Andrades» a uma rua da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte lei:

Artigo 1.º — Fica denominada «Ataliba de Camargo Andrades» a Travessa I da Vila Colúmbia, que tem início na Rua Padre Almeida e termina na Rua Comendador Torlogo Dauntre.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 30 de março de 1953.

A. Mendonça de Barros
Prefeito Municipal

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 30 de março de 1953.

O Diretor,
Admar Maia

**RUAS DA CIDADE:****ATALIBA DE CAMARGO ANDRADE — rua**

Começa na rua Padre Almeida e termina na rua Comendador Torlogo Dauntre na Vila Amélia. A denominação foi dada em 30 de março de 1952, pela Lei n.º 887. Tem 8 metros de largura.

DADOS BIOGRAFICOS: — Ataliba de Camargo Andrade nasceu em Campinas, em 21 de janeiro de 1877, e faleceu na cidade de S. Paulo, aos 30 de outubro de 1937, estando sepultado aqui em Campinas. Era filho de Pedro Américo de Camargo Andrade e de dona Ana Arruda de Camargo Andrade, ambos descendentes de tradicionais famílias de lavradores de nosso Município. Era, portanto, bisneto do Capitão Mór de Campinas, João Francisco de Andrade.

Passou toda a infância na Fazenda São Pedro, de propriedade paterna, estudando na Escola da Fazenda Palmeiras, na época em que pertenceu essa propriedade a dona Maria Carolina de Arruda Barros, tendo que, para assistir às aulas, percorrer diariamente quatro quilômetros a cavalo. Quando em Campinas, estudou particularmente com o Professor Miguelzinho da Gama, de saudosa memória.

A partir de 1892, por 3 anos, frequentou o Ginásio Infantil (Colégio), de Jundiaí, pertencente a Farias de Tavares. Transferindo-se, depois, para S. Paulo, frequentou o Seminário Episcopal até 1897.

Terminados os estudos secundários, regressou à Campinas (Fazenda São Pedro), onde auxiliava sua mãe, uma vez que seu pai era falecido.

Dedicou-se à cultura do café e, em 1901, casando-se, passou a residir na Fazenda São José, no Distrito de Valinhos, onde permaneceu por 4 anos, transferindo-se, depois, para a Fazenda Bom Retiro, em Carlos Gomes, neste Município. Nesta propriedade agrícola de grande vastidão dedicou-se à criação de gado e à cultura do café em grande escala, chegando a possuir 405 mil pés. Nela permaneceu por 19 anos, isto é, até o ano de 1929.

Os assuntos referentes à agricultura sempre o atraíram e o prenderam aos deveres como lavrador. Mas, mesmo assim, sempre fez parte do corpo de jurados da Comarca de Campinas. Nas festas religiosas e em especial na Semana Santa, sempre tomava parte. Católico praticante e convicto, teve toda a sua educação orientada no sentido cristão. Era amigo inseparável de D. Nery, D. Otávio e D. Mamede, hóspedes de sua fazenda.

Por ocasião da gripe, em 1919, prestou, dentro e mesmo fora de sua propriedade agrícola, relevantes serviços à coletividade. Sofreu ainda o rude golpe de perder sua extremecida esposa, com a qual tivera uma vida conjugal feliz e exemplar. Viu-se, portanto, na contingência de continuar sozinho a educação dos filhos menores que possuía o casal.

Foi sócio contribuinte de quase todas as associações de caridade de Campinas, para as quais concorria não só com dinheiro, mas também nos produtos agrícolas. Por várias vezes foi mediador em demandas, nada recebendo, porque agia com ponderação e justiça, em discussão sensata, trabalhando desinteressadamente. Pouco falava, era comedido em suas ações, honesto nos deveres e no cumprimento dos deveres assumidos.

Politicar-se em campanha em favor de Rui Barbosa para a Presidência da República e com a derrota do grande brasileiro, decepcionado, afastou-se da política até 1926, quando ingressou no Partido Republicano, sendo um dos seus diretores e conselheiros. Bateu-se pela reforma dos costumes políticos e pela instituição do voto secreto.

Quando da decretação da quota de sacrifício do café, bem como a queima do produto, protestou enérgicamente contra isso e promoveu uma campanha tenaz, a qual parece não ter logrado êxito.

A. M. G.

Casado c/ Francisca de Camargo Andrade